

# Marx, Engels e a (re) produção material do viver humano: para a restituição de uma base histórica\*

Recibido: 16/11/2017 | Revisado: 11/11/2018 | Aceptado: 08/01/2019

DOI: 10.17230/co-herencia.16.30.11

**Paulo Fernando Rocha Antunes\*\***

pauloantunes@campus.ul.pt

**Resumo** A (re)produção material do viver humano descreve, em última instância, quanto ao nosso entendimento, o que na conceção materialista da história de Marx e Engels se pode entender por base económica. Com vista a ilustrar o afirmado, atente-se às seguintes formulações que consideram a amplitude das relações económicas: “produção da própria vida material”, “produção da vida”, “modo de produção da vida material” e “produção e reprodução da vida imediata”. A produção implica sempre a reprodução, implica as condições que garantam a sua continuidade, o que se entende como condição basililar – veremos que não é num sentido restrito – da sociedade. É esta perspetiva, não sistematizada pelos dois autores alemães, mas amplamente presente na generalidade dos seus escritos, que se pretende recuperar para debate, com vista à restituição de uma base histórica.

**Palavras-chave:**

Ação recíproca; base económica; determinação; historicidade; necessidades.

## **Marx, Engels y una (re)producción material del vivir humano: hacia la restitución de una base histórica**

**Resumen** La (re)producción material del vivir humano describe, en última instancia, en cuanto a nuestro entendimiento, lo que en la concepción materialista de la historia de Marx y Engels se puede entender por *base económica*. Con el fin de ilustrar lo afirmado, se estudian las siguientes formulaciones, que toman en cuenta la amplitud de las relaciones económicas: “producción de la propia vida material”, “producción de la vida”, “modo de producción de la vida material” y “producción y reproducción de la vida inmediata”. La producción implica siempre la reproducción, las condiciones que

\* Investigação apoiada pelo orçamento comunitário através do Fundo Social Europeu (FSE).

\*\* Doutorando em Filosofia Política Contemporânea pelo Programa de pós-graduação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL). Bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT). Membro do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa (CFUL), Portugal, integrado no Grupo de investigação praxis. ORCID: 0000-0002-3603-0127.

garanticen su continuidad, lo que se entiende como “condición básica” —veremos que no es en un sentido restringido— de la sociedad. Es esta perspectiva, no sistematizada por los dos autores alemanes, pero ampliamente presente en la generalidad de sus escritos, la que se pretende recuperar para el debate, con vistas a la restitución de una base histórica.

**Keywords:**

Acción recíproca, base económica, determinación, historicidad, necesidades.

## **Marx, Engels and the material (re) production of human living: for the restoring of a historical basis**

**Abstract** The material (re)production of human living ultimately describes, in our view, what in the materialistic approach to history of Marx and Engels can be understood as the economic base. In order to illustrate this assertion, the paper considers the following formulations which consider the amplitude of economic relations: “production of material life itself”, “production of life”, “mode of production of material life” and “production and reproduction of immediate life”. Production always entails reproduction; it entails the conditions that guarantee its continuity. This is construed as the basic condition —although, as will be shown in this paper, not in a narrow sense — of society. It is this perspective, not systematized by the two German authors, but widely present in most of their writings, which is intended to be retrieved for debate here, with a view to restore a historical foundation.

**Keywords:**

Reciprocal action;, economic base;, determination;, historicity;, needs.

Nach der materialistischen Auffassung ist das in letzter Instanz bestimmende Moment in der Geschichte: die Produktion und Reproduktion des unmittelbaren Lebens. Diese ist aber selbst wieder doppelter Art. Einerseits die Erzeugung von Lebensmitteln, von Gegenständen der Nahrung, Kleidung, Wohnung und den dazu erforderlichen Werkzeugen; andererseits die Erzeugung von Menschen selbst, die Fortpflanzung der Gattung.

Engels (1962a)

## Notas introdutórias

A (re)produção material do viver humano assinala, *em última instância*, quanto ao nosso entendimento, o que na conceção materialista da história de Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) se pode entender por base económica (*ökonomische Grundlage*).

Com vista a ilustrar o afirmado, atente-se às seguintes formulações que consideram a amplidão das relações económicas:

“produção da própria vida material” (*Produktion des materiellen Lebens selbst*, Marx e Engels, 1978a, p. 28) –, e,

“produção da vida” (*Produktion des Lebens*, Marx e Engels, 1978a, p. 29). Ou, ainda,

“modo de produção da vida material” (*Produktionsweise des materiellen Lebens*, Marx, 1961c, p. 8); mas também,

“produção e reprodução da vida imediata” (*Produktion und Reproduktion des unmittelbaren Lebens*, Engels, 1962a, p. 27).<sup>1</sup>

A produção implica sempre a reprodução, implica as condições que garantam a sua continuidade.<sup>2</sup> O que se entende como condição *basilar* – veremos que não é num sentido restrito – da sociedade.

É esta perspetiva, não sistematizada pelos dois autores alemães, mas amplamente presente na generalidade dos seus escritos, que se pretende recuperar para debate, com vista à restituição de uma *base* histórica.

Deste modo, conta-se expor o essencial da sua perspetiva e ainda fazer face ao entendimento oposto que desconsidera, do âmbito da base económica, a (re)produção da vida;<sup>3</sup> bem como fazer face ao

---

1 Eis a passagem completa (a presente epígrafe): «De acordo com a conceção materialista, o fator em última instância determinante [in letzter Instanz bestimmend] na história é a produção e a reprodução da vida imediata. Mas essa produção e essa reprodução são de dois tipos: de um lado, a produção de meios de existência, de produtos alimentares, roupa, habitação, e instrumentos necessários para tudo isso; de outro lado, a produção do homem mesmo, a continuação da espécie.» (*sublinhado nosso*, Engels, 1962a, pp. 27-28).

2 Questões como a “reprodução simples” (*einfache Reproduktion*) e a “reprodução de escala alargada” ou “ampliada” (*Reproduktion auf erweiterter Stufenleiter*, cfr. Marx, 1962, pp. 591 ss.; 1963, pp. 69 ss.; Desai, 1990; e, Renault, 2001, pp. 31-32) terão de ficar para uma análise mais detalhada do modo de produção capitalista.

3 Pode servir de exemplo a perspetiva defendida por Étienne Balibar (1942-), autor que considera a base económica como “motor” da história (“*moteur*” de l’histoire) no escopo do capitalismo; considerando, no que diz respeito aos modos de produção (*Produktionsweise*)

entendimento que exclui da base económica dimensões como a das forças produtivas (*Produktivkräfte*).<sup>4</sup>

E, por tabela, fazer face à acusação que aponta à conceção de Marx e Engels um “fatorialismo” – absolutização de um fator social, por exemplo, o económico, ao qual todos os outros fatores se reduzam (*cf.* Netto, 1985, pp. 32-33).<sup>5</sup>

Estes confrontos encontram-se reservados para a conclusão.

## Conexão material

Desde já deve-se expor o que se entende por “conexão material” (ou conexão materialista, *materialistischer Zusammenhang*, *cf.* Marx e Engels, 1978a, p. 30). Esta conexão apresenta-se fundamental para que se compreenda do que Marx e Engels estão a falar quando remetem a discussão para o âmbito da reprodução da vida.

A produção da vida desenvolve-se duplamente, como uma relação natural, mas também social. O ser humano encontra determinadas condições materiais de vida, tanto as que estão dadas como, principalmente, as que propicia e/ou transforma pela sua própria ação. Existe entre ambas uma reciprocidade (*cf.* Marx e Engels, 1978a, pp. 29-30).

Vejamos, de acordo com os dois autores alemães, a “primeira premissa” (*erste Voraussetzung*) da história humana é a existência de seres humanos vivos (*cf.* 1978a, pp. 20-21), constatando-se primeiramente a organização física destes e a sua relação com o resto

---

precedentes, que já não será assim, uma vez que entende que a política adquire aí maior relevo (*cf.* 1973, pp. 100-111). No fundo, o autor francês silencia a reprodução do viver humano, o que descarta, quanto ao nosso entendimento, o que é compreendido por “economia” e, mais precisamente, “em última instância”, no âmbito da conceção de Marx e Engels.

- 4 Entendimento que pode parecer semelhante ao anterior, mas tem as suas diferenças. Serve de exemplo a perspetiva defendida por Gerald Cohen (1941-2009), autor que afirma que a base económica corresponde à soma total das relações de produção (*Produktionsverhältnisse*), excluindo dessa maneira as forças produtivas. Estas forças, segundo ele, encontram-se abaixo daquela base, isto é, constituem a fundação (*foundation*) sobre a qual a base económica se encontra (*cf.* 2000, pp. 28-37). O que, quanto a nós, parece estabelecer uma “cisão” entre a reprodução do viver humano e as restantes dimensões, fatores, da vida social, na medida em que as relações sociais perdem parte do seu nexa material.
- 5 Esta acusação também pode ser descrita como “reducionismo”, para o efeito, “reducionismo económico”.

da natureza.<sup>6</sup>

Quanto ao meio geográfico: a maneira como os seres humanos produzem os meios de vida necessários à sua reprodução depende, entre outras coisas, do tipo de meios de vida encontrados e das condições locais para os reproduzir (apesar deste meio não constituir a principal determinação, *cfr.*, por exemplo, Marx, 1962, pp. 535-538; e, Engels, 1968, p. 205).

O seu “ponto de partida” (*Ausgangspunkt*), da história humana, é a produção em sociedade, isto é, a produção de indivíduos socialmente determinada (*cfr.* Marx, 1961b, p. 615), uma vez que o ser humano não vive *humanamente* de forma isolada e é preciso organizar-se.<sup>7</sup>

Quanto a esta determinação social: o processo de produção tem de ser contínuo, tem de percorrer periodicamente os mesmos estádios (isto é, suprir as necessidades). Uma sociedade não pode deixar de consumir nem de produzir, produz e consome o produzido e, assim, reproduz. Cada processo social de produção assim que considerado num nexu permanente e em fluxo constante de renovação é,

---

6 «A terra (na qual economicamente também a água está compreendida), tal como originariamente abastece o homem de víveres, meios de vida já prontos, apresenta-se, sem a sua intervenção, como o objeto geral [*allgemeine Gegenstand*] do trabalho humano. Todas as coisas que o trabalho apenas destaca da sua conexão imediata com o todo terrestre são por natureza objetos de trabalho que se lhe apresentam. Assim sucede com o peixe que é separado, capturado do seu elemento de vida, a água; com a madeira que é cortada na floresta virgem; com o minério que é extraído do seu filão. Se, pelo contrário, o objeto de trabalho se encontra já, por assim dizer, filtrado por trabalho anterior, então chamamos-lhe matéria-prima [*Rohmaterial*]. Por exemplo, o minério já extraído, que agora é lavado. Toda a matéria-prima é objeto de trabalho, mas nem todo o objeto de trabalho é matéria-prima. O objecto de trabalho só é matéria-prima quando já experimentou uma modificação mediada pelo trabalho.» - «Die Erde (worunter ökonomisch auch das Wasser einbegriffen), wie sie den Menschen ursprünglich mit Proviant, fertigen Lebensmitteln ausgerüstet, findet sich ohne sein Zutun als der allgemeine Gegenstand der menschlichen Arbeit vor. Alle Dinge, welche die Arbeit nur von ihrem unmittelbaren Zusammenhang mit dem Erdganzen loslöst, sind von Natur vorgefundne Arbeitsgegenstände. So der Fisch, der von seinem Lebenselement, dem Wasser, getrennt, gefangen wird, das Holz, das im Urwald gefällt, das Erz, das aus seiner Ader losgebrochen wird. Ist der Arbeitsgegenstand dagegen selbst schon sozusagen durch frühere Arbeit filtriert, so nennen wir ihn Rohmaterial. Z.B. das bereits losgebrochene Erz, das nun ausgewaschen wird. Alles Rohmaterial ist Arbeitsgegenstand, aber nicht jeder Arbeitsgegenstand ist Rohmaterial. Rohmaterial ist der Arbeitsgegenstand nur, sobald er bereits eine durch Arbeit vermittelte Veränderung erfahren hat.» (Marx, 1962, p. 193).

7 Entendendo-se a cooperação de vários indivíduos para o que quer que seja e de diversas maneiras (*cfr.* Marx e Engels, 1978a, pp. 29-30). Aqui cabe toda crítica de Marx às chamadas “robinsonadas” (*Robinsonaden*, *cfr.*, por exemplo, 1962, pp. 90 ss.), contudo, não cabe ao presente artigo o seu aprofundamento.

consequentemente, um processo de reprodução (cfr. Marx, 1962, p. 591).

O “primeiro ato histórico” (*erste geschichtliche Tat*), dizem Marx e Engels, é, com efeito, a produção dos meios de satisfação, de subsistência, das necessidades que garantam as condições humanas de sobrevivência, com vista a poderem “fazer (o resto da) história”, sobretudo, a partir da satisfação de necessidades (básicas) – tais como comer, beber, habitar, vestir, etc. –, pois sem estas não há reprodução humana, não há história. Vejamos como os dois o ilustraram em *Die deutsche Ideologie*:

Com os alemães, que não dispõem de quaisquer premissas, temos de começar por constatar a primeira premissa de toda a existência humana, por conseguinte, também, de toda a história, isto é, a premissa de que os homens têm de estar em condições de viver para poderem “fazer história” [*Geschichte machen*]. Mas *da vida fazem parte sobretudo comer e beber, habitação, vestuário e ainda algumas outras coisas*. O primeiro ato histórico é, portanto, a produção dos meios para a satisfação destas necessidades, a produção da própria vida material, e a verdade é que este é um ato histórico, uma condição fundamental [*Grundbedingung*] de toda a história, que ainda hoje, tal como há milhares de anos, tem de ser realizado dia a dia, hora a hora, para ao menos manter os homens vivos. [...]. Assim, a primeira coisa a fazer em qualquer concepção da história é observar este facto fundamental [*Grundtatsache*] em todo o seu significado e em toda a sua dimensão, e atribuir-lhe a importância que lhe é devida (1978a, p. 28; sublinhados nossos).<sup>8</sup>

Deste modo, entendemos, se pode resumir a “conexão material” da humanidade – condicionante histórica (mas também condicionada

---

8 «Wir müssen bei den voraussetzungslosen Deutschen damit anfangen, daß wir die erste Voraussetzung aller menschlichen Existenz, also auch aller Geschichte konstatieren, nämlich die Voraussetzung, daß die Menschen imstande sein müssen zu leben, um „Geschichte machen“ zu können. Zum Leben aber gehört vor Allem Essen und Trinken, Wohnung, Kleidung und noch einiges Andere. Die erste geschichtliche Tat ist also die Erzeugung der Mittel zur Befriedigung dieser Bedürfnisse, die Produktion des materiellen Lebens selbst, und zwar ist dies eine geschichtliche Tat, eine Grundbedingung aller Geschichte, die noch heute, wie vor Jahrtausenden, täglich und stündlich erfüllt werden muß, um die Menschen nur am Leben zu erhalten. [...] Das Erste also bei aller geschichtlichen Auffassung ist, daß man diese Grundtatsache in ihrer ganzen Bedeutung und ihrer ganzen Ausdehnung beobachtet und zu ihrem Rechte kommen läßt.» Passagem que pode levantar a questão em relação ao tipo de necessidades propriamente humanas, se existe alguma que lhe seja exclusiva; porventura o desenvolvimento histórico da sociedade humana vá dando alguma luz sobre essa questão.

por) das necessidades e dos modos de produção (cfr., por exemplo, Marx, 1964a, pp. 329-330).<sup>9</sup>

Esta “conexão” comporta o natural – e, em rigor, igualmente o natural já humanamente transformado, isto é, socialmente transformado—,<sup>10</sup> com efeito, a partir da (re)produção com vista à satisfação das necessidades.<sup>11</sup> O que também significa que os indivíduos estão interligados por relações objetivas, relações que são independentes da vontade de cada indivíduo.<sup>12</sup>

9 O “modo de produção” visa identificar a maneira como o ser humano produz em determinada época histórica: «Não é com o que é feito, mas como, com que meios de trabalho é feito, que se distingue as épocas económicas [ökonomischen Epochen]. Os meios de trabalho são não apenas medidores do grau de desenvolvimento da força de trabalho humana [menschlichen Arbeitskraft], mas também indicadores das relações sociais em que se trabalha. Entre os próprios meios de trabalho, os meios de trabalho mecânicos – a cuja totalidade se pode chamar o sistema ósseo e muscular da produção – oferecem marcas características muito mais decisivas de uma época social de produção do que aqueles meios de trabalho que apenas servem de reservatórios do objeto de trabalho e cuja totalidade de um modo geral pode ser designada como o sistema vascular da produção, como, p. ex., tubos, pipas, cestos, bilhas, etc. Só na fabricação química eles desempenham um papel significativo.» - «Nicht was gemacht wird, sondern wie, mit welchen Arbeitsmitteln gemacht wird, unterscheidet die ökonomischen Epochen. Die Arbeitsmittel sind nicht nur Gradmesser der Entwicklung der menschlichen Arbeitskraft, sondern auch Anzeiger der gesellschaftlichen Verhältnisse, worin gearbeitet wird. Unter den Arbeitsmitteln selbst bieten die mechanischen Arbeitsmittel, deren Gesamtheit man das Knochen- und Muskelsystem der Produktion nennen kann, viel entscheidendere Charaktermerkmale einer gesellschaftlichen Produktionsepoche als solche Arbeitsmittel, die nur zu Behältern des Arbeitsgegenstandes dienen und deren Gesamtheit ganz allgemein als das Gefäßsystem der Produktion bezeichnet werden kann, wie z.B. Röhren, Fässer, Körbe, Krüge usw. Erst in der chemischen Fabrikation spielen sie eine bedeutungsvolle Rolle.» (Marx, 1962, pp. 194-195).

10 A prática social corresponde a um fator elevadamente complexo dentro da natureza.

11 A criação de novas necessidades, e daí a sua reprodução, é, outrossim, considerada. Estas necessidades desenvolvem-se tendo em conta aquela “primeira premissa” e aquele “ponto de partida” (cfr. Marx e Engels, 1978b, p. 466; e, Moro, 2016, p. 38). No lugar de uma “necessidade natural”, logo que as condições o permitam, entra uma nova necessidade – “necessidade histórica”, social, portanto (cfr. Marx, 1983, pp. 244, 433). As relações sociais transformam-nas. Nas palavras de Marx: «[...] o âmbito das chamadas necessidades imprescindíveis [notwendiger Bedürfnisse], assim como a maneira da sua satisfação, é ele mesmo um produto histórico e depende, portanto, em grande parte, do estágio de civilização de um país e, entre outras coisas, depende também essencialmente das condições em que se formou a classe dos trabalhadores livres e, portanto, de com que hábitos e exigências de vida.» - «Andererseits ist der Umfang sog. notwendiger Bedürfnisse, wie die Art ihrer Befriedigung, selbst ein historisches Produkt und hängt daher größtenteils von der Kulturstufe eines Landes, unter andrem auch wesentlich davon ab, unter welchen Bedingungen, und daher mit welchen Gewohnheiten und Lebensansprüchen die Klasse der freien Arbeiter sich gebildet hat.» (1962, p. 185).

12 O que não é o mesmo que considerar que a dimensão material se reduz às relações sociais humanas. Não pode cair em esquecimento o fundamento ontológico materialista, e dialético, da conceção de Marx e Engels, a desenvolver noutro lugar.

Neste sentido, para Marx, quanto mais se recua na história, melhor deve aparecer o indivíduo humano, e, assim, igualmente o indivíduo produtor, como dependente e fazendo parte de um todo mais amplo do qual não pode escapar (*cf.* 1961b, p. 616; e, por exemplo, Engels, 1962a).

Atualmente, com a imensidão de novas necessidades e meios de satisfação, perde-se – mesmo que não se possa cessar ou escapar – a relação mais imediata quanto à satisfação básica para a produção da vida, o essencial daquela “conexão” (que comporta a relação natural-social).<sup>13</sup>

Posto isto, a reprodução do viver humano não representa qualquer redução a uma mera instância como a vida, isto é, a uma hiperbolização do que a vida e a sua reprodução poderiam significar. Ao invés, a condição que se explicita através da reprodução do viver humano é a de uma inexorabilidade da reprodução das condições que permitam a continuidade da espécie dadas determinadas relações sociais e circunstâncias, que a estas envolvem, e com elas se interligam reciprocamente.<sup>14</sup>

Falta compreender a dimensão histórica, aqui tão necessária.

---

13 Entre outras coisas, trata-se de uma conexão material por oposição a “ideal”, entenda-se, por nada haver de ideal na satisfação das necessidades humanas, estas não dependem de qualquer concetualização ou escolha humanas, ou seja, nada disto remete para questões arbitrárias ou dogmáticas. Segundo Marx e Engels: «As premissas com que começamos não são arbitrárias, não são dogmas, são premissas reais [*wirkliche Voraussetzungen*], e delas só na imaginação se pode abstrair. São os indivíduos reais [*wirklichen Individuen*], a sua ação e as suas condições materiais de vida, tanto as que encontraram como as que produziram pela sua própria ação. Estas premissas são, portanto, constatáveis de um modo puramente empírico [*empirischem Wege konstatierbar*].» - «Die Voraussetzungen, mit denen wir beginnen, sind keine willkürlichen, keine Dogmen, es sind wirkliche Voraussetzungen, von denen man nur in der Einbildung abstrahieren kann. Es sind die wirklichen Individuen, ihre Aktion und ihre materiellen Lebensbedingungen, sowohl die vorgefundenen wie die durch ihre eigne Aktion erzeugten. Diese Voraussetzungen sind also auf rein empirischem Wege konstatierbar.» (1978a, p. 20).

14 Poder-se-ia ainda opor a esta perspectiva a questão de que os animais também buscam a satisfação das suas necessidades básicas, porém, não apenas o fazem por instinto e mera necessidade, como o ser humano se distingue por via do planeamento da maneira como as vai satisfazer, como alegadamente pode desvendar as “leis” de desenvolvimento natural e social dessas mesmas condições.



## Abstração e definição histórica

Dado o exposto, importa recuperar uma forma histórica definida (*bestimmter historischer Form*) de reprodução, ainda que sumariamente, visto que a produção como “categoria geral” (*allgemeine Kategorie*) não passa de uma abstração – apesar de algumas generalizações comuns, não serve para explicar os seus graus históricos reais (cfr. Marx, 1961b, pp. 617, 620; 1965, pp. 256-257).

Quer dizer, a circunscrição da produção como fundamental e quais os seus traços gerais – desde os objetos e instrumentos de trabalho, à força de trabalho (*Arbeitskraft*, capacidade de trabalho físico e/ou intelectual), às relações de produção (desde as relações de propriedade, *Eigentumsverhältnisse*), etc. –, não serve para dar conta de cada período histórico em particular. Serve apenas para que se consiga identificar uma parte do processo em que se encontra o ser humano.

Para o efeito, veja-se como Marx ilustra a necessidade de uma compreensão que a considere historicamente: a fome é fome, porém a fome que se satisfaz com carne cozinhada, e que se come com faca e garfo, é uma fome distinta da que devora carne crua com as mãos, unhas e dentes. A produção também produz o modo de consumo, isto é, produz objetiva e subjetivamente (cfr. 1961b, pp. 623-624). É, pois, preciso ver como se dá esse consumo em dado período.

Veja-se outro exemplo de Marx: para que se possa saquear é necessário que exista o que saquear, que exista produção. O próprio tipo de pilhagem é determinado pelo tipo de produção, visto que não se pode saquear uma nação de especuladores de Bolsa (*stock jobbing nation*) da mesma maneira que uma nação de vaqueiros (cfr. 1961b, p. 629). Se durante séculos se viveu de pilhagem, então teve de haver alguma coisa para pilhar permanentemente ou o objeto da pilhagem teve de se reproduzir continuamente (cfr. Marx, 1962, pp. 97-98 n).

Ou seja, desde a fome à pilhagem é preciso compreender de que maneira o ser humano supriu uma e permitiu a outra, entre outras questões aqui não exemplificadas.<sup>15</sup> Dado que o ser humano não o faz

---

15 Pode-se acrescentar ainda o que Engels chamava a atenção em 1845, a saber, o que os operários ingleses denunciavam como “assassinato social” (*sozialen Mord*) – a falta de géneros alimentares e as consequentes doenças e fome –, pelo facto dos meios de produção se concentrarem nas mãos de alguns indivíduos e a grande massa dos outros

sempre do mesmo modo e a “conexão material” sofre transformações históricas.

Sirvamo-nos, com um pouco mais de detalhe, do modo de produção capitalista (embora as suas relações que são dominantes no dito “mercado mundial”, não se deem isoladamente).<sup>16</sup> Em *Das Kapital* Marx avança:

Como vimos, a produção capitalista de facto só começa quando o mesmo capital individual [*individuelle Kapital*] emprega simultaneamente uma superior quantidade de operários, portanto, quando o processo de trabalho [*Arbeitsprozeß*] amplia o seu volume e fornece o produto numa superior escala quantitativa. A interação de uma superior quantidade de operários, ao mesmo tempo, no mesmo espaço (ou, se se quiser, no mesmo campo de trabalho), para a produção do mesmo tipo de mercadorias, sob o comando do mesmo capitalista, forma histórica e conceptualmente o ponto de partida da produção capitalista (1962, p. 341).<sup>17</sup>

A produção intelectual e material da forma histórica capitalista é diversa da medieval, antiga ou primitiva, entre outras comparações, mesmo que no início ainda o fosse em sentido mais quantitativo. Já o é, mesmo na diversidade das nações capitalistas. O que não quer dizer que em alguns casos não conserve resquícios de outras formas (por exemplo, feudal, escravagista, etc.).

Existem certas questões que são próprias do modo de produção

---

estar cada vez mais dependente daqueles para poder produzir a sua subsistência, ou seja, vulnerável às veleidades do mercado da burguesia (*cf.* 1962b, p. 258). Esta é uma condição particular do modo de produção capitalista, dado que se generalizou, a partir do seu desenvolvimento, a concentração dos objetos e meios de trabalho com a expropriação dos pequenos produtores.

16 A necessidade de analisar uma forma histórica definida surge também pelo facto de uma base económica poder-se desenvolver com mais do que um modo de produção (*cf.* Marx, 1964b, pp. 799-800). O que abre portas à questão da formação económica da sociedade (*ökonomische Gesellschaftsformation*), porém, não logrando o espaço necessário para o aprofundar, julgamos suficiente para um breve apanhado remeter para Hobsbawn (1965).

17 «Die kapitalistische Produktion beginnt, wie wir sahen, in der Tat erst, wo dasselbe individuelle Kapital eine größere Anzahl Arbeiter gleichzeitig beschäftigt, der Arbeitsprozeß also seinen Umfang erweitert und Produkt auf größerer quantitativer Stufenleiter liefert. Das Wirken einer größeren Arbeiteranzahl zur selben Zeit, in demselben Raum (oder, wenn man will, auf demselben Arbeitsfeld), zur Produktion derselben Warensorte, unter dem Kommando desselben Kapitalisten, bildet historisch und begrifflich den Ausgangspunkt der kapitalistischen Produktion.» É importante, ainda, destacar que no final do capítulo Marx ressalta que esse modo de produção apenas se destaca dos primórdios artesanais da manufatura por via da quantidade de trabalhadores empregados para o efeito, bem como pela concentração dos meios de produção.

capitalista, como, por exemplo, o que aqui Marx descreve como a “interação de uma superior quantidade de operários, ao mesmo tempo, no mesmo espaço, para a produção do mesmo tipo de mercadorias”, como não podia deixar de ser, “sob o comando do mesmo capitalista”, uma vez que o tipo de trabalho anterior assentava fundamentalmente em trabalho individual. Mas também são certas as questões do trabalho assalariado (*Lohnarbeit*),<sup>18</sup> da mais-valia (*Mehrwert*),<sup>19</sup> etc.

Atente-se a mais um exemplo do autor: uma máquina de fiar é uma máquina de fiar e apenas em determinadas relações (históricas) ela se torna parte favorável ao *capital* (cfr. 1961a, p. 407). O que é possível na medida em que fiando sob o regime de trabalho assalariado, o operário produz mais-valia para o capitalista, enquanto no modo imediatamente anterior, o operário, eventualmente proprietário da sua máquina de fiar, produzia diretamente para a sua subsistência.

18 «A força de trabalho nem sempre foi uma mercadoria [*Ware*]. O trabalho nem sempre foi trabalho assalariado, isto é, *trabalho [formalmente] livre*. O *escravo* não vendia a sua força de trabalho ao proprietário de escravos, assim como o boi não vende os seus esforços ao camponês. O escravo é vendido, com a sua força de trabalho, duma vez para sempre, ao seu proprietário. É uma mercadoria que pode passar das mãos de um proprietário para as mãos de um outro. Ele *próprio* é uma mercadoria, mas a força de trabalho não é uma mercadoria *sua*. O *servo* só vende uma parte da sua força de trabalho. Não é ele quem recebe um salário do proprietário da terra: pelo contrário, o proprietário da terra é que recebe dele um tributo.» - «Die Arbeit war nicht immer eine *Ware*. Die Arbeit war nicht immer Lohnarbeit, d. h. *freie Arbeit*. Der *Sklave* verkauft seine Arbeit nicht an den Sklavenbesitzer, sowenig wie der Ochse seine Leistungen an den Bauern verkauft. Der Sklave mitsamt seiner Arbeit ist ein für allemal an seinen Eigentümer verkauft. Er ist eine *Ware*, die von der Hand des einen Eigentümers in die des andern übergehen kann. *Er selbst* ist eine *Ware*, aber die Arbeit ist nicht *seine Ware*. Der *Leibeigene* verkauft nur einen Teil seiner Arbeit. Nicht er erhält einen Lohn vom Eigentümer des Grund und Bodens: der Eigentümer des Grund und Bodens erhält vielmehr von ihm einen Tribut.» (*sublinhados do autor*, Marx, 1961a, p. 401).

19 «A este incremento [em relação ao valor adiantado], ou excesso sobre o valor originário, chamo – mais-valia (*surplus value*). O valor originariamente adiantado não apenas se mantém, portanto, na circulação, mas nela altera a sua magnitude de valor, acrescenta uma mais-valia ou valoriza-se. E este movimento transforma-o em capital. [...] O motivo propulsor e o objetivo determinante do processo de produção capitalista é, antes de mais, a maior autovalorização [*Selbstverwertung*] possível do capital, i. é, a maior produção possível de mais-valia, portanto a maior exploração possível da força de trabalho pelo capitalista.» - «Dieses Inkrement oder den Überschuß über den ursprünglichen Wert nenne ich – Mehrwert (*surplus value*). Der ursprünglich vorgeschobne Wert erhält sich daher nicht nur in der Zirkulation, sondern in ihr verändert er seine Wertgröße, setzt einen Mehrwert zu oder verwertet sich. Und diese Bewegung verwandelt ihn in Kapital. [...] Zunächst ist das treibende Motiv und der bestimmende Zweck des kapitalistischen Produktionsprozesses möglichst große Selbstverwertung des Kapitals, d.h. möglichst große Produktion von Mehrwert, also möglichst große Ausbeutung der Arbeitskraft durch den Kapitalisten.» (Marx, 1962, pp. 165, 350).

Da mesma maneira que a produção e a reprodução são históricas, são-no, em igual medida, as condições de troca, consumo e distribuição inerentes.<sup>20</sup>

A distribuição não é independente do modo de produção, pelo contrário, reflete as suas condições; a distribuição dos meios de consumo é, em cada época, somente a consequência da distribuição das próprias condições (forças e relações) de produção (cfr. Marx, 1987, pp. 21, 22; e, Engels, 1962b, p. 312). Dadas as relações capitalistas a distribuição tem em conta a forma de trabalho assalariado e a propriedade dos meios de produção.<sup>21</sup>

Pudessem os seres humanos viver do ar e não precisavam de se submeter por via das suas necessidades (cfr. Marx, 1962, p. 626). Daí que Marx questione, retoricamente, por que vendem os trabalhadores a sua força de trabalho dadas as condições capitalistas? A resposta é simples e o autor dá-a: “para viver” (cfr. 1961a, p. 400).

É por aqui que se encontra a premência de uma crítica à forma histórica capitalista (desde a demorada expropriação dos produtores, ao assalariamento, etc.).<sup>22</sup> Não obstante, é preciso não se ficar

---

20 Veja-se inclusive a reprodução sexual: reprodução que pode comprometer a produção dadas as relações escravagistas, o que já não acontece dadas as relações capitalistas (cfr. Fine e Harris, 1979, pp. 11-12).

21 Aqui se encontra o fundamento da crítica marxista a toda a conceção que pretenda elogiar alguma “justiça social” independente do tipo de relações dominantes em causa na sociedade (cfr. Marx, 1987). Veja-se o que Engels denunciava já em 1845 para se ter uma ideia do carácter a-histórico de tal elogio: «[...] o trabalhador [o operário] é escravo das necessidades mais elementares e do dinheiro com o qual é necessário satisfazê-las, [...]. Se, como já vimos, o operário já não pode valorizar as suas qualidades humanas senão opondo-se ao conjunto das suas condições de vida, é natural que seja precisamente nesta oposição que os operários se mostrem mais simpáticos, mais nobres e mais humanos.» - «[...] der Arbeiter ist Sklave der notwendigsten Lebensbedürfnisse und des Geldes, [...] Wenn, wie wir sahen, dem Arbeiter kein einziges Feld für die Betätigung seiner Menschheit gelassen ist als die Opposition gegen seine ganze Lebenslage, so ist es natürlich, daß gerade in dieser Opposition die Arbeiter am lebenswürdigsten, am edelsten, am menschlichsten erscheinen müssen.» (1962b, pp. 405, 431).

22 «Se a produção tem forma capitalista, também a reprodução. Tal como no modo de produção capitalista o processo de trabalho aparece somente como um meio do processo de valorização, assim também a reprodução apenas aparece como um meio de reproduzir como capital o valor adiantado, i. é, como valor que se valoriza [verwertenden Wert]. [...] O processo de produção capitalista considerado na sua conexão ou como processo de reprodução não produz só mercadorias, não produz só mais-valia; produz e reproduz a própria relação de capital: por um lado, o capitalista, por outro, o assalariado.» - «Hat die Produktion kapitalistische Form, so die Reproduktion. Wie in der kapitalistischen Produktionsweise der Arbeitsprozeß nur als ein Mittel für den Verwertungsprozeß erscheint, so die Reproduktion nur als ein Mittel, den vorgeschobnen Wert als Kapital zu

pelo momento da abstração no que diz respeito à concreção (e concretização) das relações vigentes (cfr. Marx, 1983, p. 35).

## **A “última instância determinante” e a “ação recíproca”**

Até aqui a discussão levou do entendimento geral de produção e reprodução, ligado à questão da vida e do seu caráter social, à sua definição histórica – mais precisamente à questão dos modos de produção (que não deixam de se referir genericamente a uma determinada maneira de produzir o viver humano, porquanto é sempre preciso recorrer a uma perspectiva mais ampla).

Como visto, a produção pode assumir diversos *modos* historicamente, que compõem a riqueza da base económica. Falta ainda expor de que maneira esta *base* reflete e se relaciona com outros momentos, entre estes, a superestrutura (*Überbau*) – entre os fatores desta encontram-se os jurídicos, políticos, filosóficos, religiosos, literários, etc.

Ao falar de uma base económica a partir da qual se ergue uma superestrutura Marx e Engels, em nosso entendimento, procuraram *ênfatizar* a maneira como os seres humanos se organizam socialmente com vista à satisfação das necessidades da vida e, a partir daqui, alguns dos reflexos sociais.

Os dois autores não entenderam tratar-se, no que diz respeito à relação da base com a superestrutura, de uma mera relação de “causa-efeito” ou de uma enquistada “metáfora espacial”, isto é, a base de um edifício e acima desta as suas estruturas (cfr. Marx, 1961c, pp. 8-9; e, Engels, 1968, p. 205). Para ambos, tratava-se realmente de uma relação condicional (*Bedingende*).<sup>23</sup>

Segundo Engels, este condicionamento – da superestrutura pela base – aparece “em última instância determinante” (*in letzter*

---

reproduzieren, d.h. als sich verwertenden Wert. [...] Der kapitalistische Produktionsprozeß, im Zusammenhang betrachtet oder als Reproduktionsprozeß, produziert also nicht nur Ware, nicht nur Mehrwert, er produziert und reproduziert das Kapitalverhältnis selbst, auf der einen Seite den Kapitalisten, auf der andren den Lohnarbeiter.» (Marx, 1962, pp. 591, 604). O antagonismo entre o capital e o trabalho é o que diferencia o modo de produção capitalista (cfr. Fine e Harris, 1979, pp. 9-10).

23 A produção das condições humanas não se processa de maneira nenhuma de um modo simplista, mecânico. Nas palavras de Engels, a história procede frequentemente por saltos (*sprungweise*) e em ziguezague (*Zickzack*, cfr. 1961, p. 475; 1968, p. 207).

*Instanz bestimmende*, este será o sentido exato de “determinação” no pensamento dos dois alemães), e não como fator “único determinante” (*einzig bestimmende*, cfr. 1967b, p. 463; 1968, p. 206):

De acordo com a concepção materialista da história, o fator [Moment] em última instância determinante, na história, é a produção e reprodução da vida real [Produktion und Reproduktion des wirklichen Lebens]. Nem Marx nem eu alguma vez afirmámos mais do que isso. Se agora alguém o distorce, afirmando que o fator económico é o *único* determinante, transforma aquela proposição numa frase que não diz nada, abstrata, absurda. A situação económica [ökonomische Lage] é a base [Basis], mas os diversos momentos da superestrutura – formas políticas da luta de classes e seus resultados: constituições estabelecidas pela classe vitoriosa uma vez ganha a batalha, etc., formas jurídicas, e mesmo os reflexos [Reflexe] de todas estas lutas reais nos cérebros dos participantes, teorias políticas, jurídicas, filosóficas, visões religiosas e o seu posterior desenvolvimento em sistemas de dogmas – exercem também a sua influência sobre o curso das lutas históricas e determinam em muitos casos predominantemente a sua *forma*. Há uma ação recíproca [Wechselwirkung] de todos estes momentos, em que, finalmente, através de todo o conjunto infinito de casualidades (isto é, de coisas e eventos cuja conexão interna [innerer Zusammenhang] é entre eles tão remota ou é tão indemonstrável que nós a podemos considerar como não-existente, a podemos negligenciar), o movimento económico vem ao de cima como necessário. Senão, a aplicação da teoria a um qualquer período da história seria mais fácil do que a resolução de uma simples equação do primeiro grau (Engels, 1967b, p. 463; sublinhados do autor).<sup>24</sup>

24 «Nach materialistischer Geschichtsauffassung ist das in letzter Instanz bestimmende Moment in der Geschichte die Produktion und Reproduktion des wirklichen Lebens. Mehr hat weder Marx noch ich je behauptet. Wenn nun jemand das dahin verdreht, das ökonomische Moment sei das *einzig* bestimmende, so verwandelt er jenen Satz in eine nichtssagende, abstrakte, absurde Phrase. Die ökonomische Lage ist die Basis, aber die verschiedenen Momente des Überbaus - politische Formen des Klassenkampfes und seine Resultate – Verfassungen, nach gewonnener Schlacht durch die siegende Klasse festgestellt usw. – Rechtsformen, und nun gar die Reflexe aller dieser wirklichen Kämpfe im Gehirn der Beteiligten, politische, juristische, philosophische Theorien, religiöse Anschauungen und deren Weiterentwicklung zu Dogmensystemen, üben auch ihre Einwirkung auf den Verlauf der geschichtlichen Kämpfe aus und bestimmen in vielen Fällen vorwiegend deren *Form*. Es ist eine Wechselwirkung aller dieser Momente, worin schließlich durch alle die unendliche Menge von Zufälligkeiten (d.h. von Dingen und Ereignissen, deren innerer Zusammenhang untereinander so entfernt oder so unnachweisbar ist, daß wir ihn als nicht vorhanden betrachten, vernachlässigen können) als Notwendiges die ökonomische Bewegung sich durchsetzt. Sonst wäre die Anwendung der Theorie auf eine beliebige Geschichtsperiode ja leichter als die Lösung einer einfachen Gleichung ersten Grades.». Na sequência Engels acrescenta: «Nós

Com isto, Engels chama a atenção para o facto de que a “última instância determinante” – e que entendemos ser a base económica – é a produção e reprodução da vida real, e não, como os seus detratores afirmavam – a economia vista de maneira “simplista”, “reductora”, “única” ou dada pelas manifestações particulares de cada modo de produção.

A reprodução da vida aparece como a base económica num sentido mais profundo (e nela se encontra a ação recíproca entre as forças produtivas e as relações de produção – o que define os modos de produção –, e destas com a superestrutura).

Com isto, Engels ainda chama a atenção, ligado ao acima referido, contra todos aqueles autores que pretendem fazer da conceção materialista da história uma teoria formal, isto é, que sirva para aplicar a-historicamente aos diversos períodos da história e por via dessa *simple*s aplicação desvendar, deduzir, a totalidade do processo ou dos diferentes processos.

É, pois, preciso compreender a amplitude da produção e, em igual medida, as suas definições históricas, bem como a reciprocidade dos diversos momentos e fatores em causa.

Por exemplo, aos restantes fatores sociais, entenda-se *superestruturais*, é aceite a sua autonomia, contanto que se entenda como “relativa” e nunca como “absoluta” ou “co-determinante”,<sup>25</sup> e se

---

fazemos a nossa própria história, mas, antes de mais, com pressupostos e condições muito determinados. Entre eles, os económicos são finalmente os decisivos [*entscheidenden*]. Mas também os políticos, etc., mesmo a tradição popular que assombra as cabeças dos homens, desempenham um papel, se bem que não o decisivo.» - «Wir machen unsere Geschichte selbst, aber erstens unter sehr bestimmten Voraussetzungen und Bedingungen. Darunter sind die ökonomischen die schließlich entscheidenden. Aber auch die politischen usw., ja selbst die in den Köpfen der Menschen spukende Tradition, spielen eine Rolle, wenn auch nicht die entscheidende.».

25 Na esteira, deve-se compreender ainda a vida, no sentido aqui exposto, como fator determinante da consciência e não a consciência como fator determinante da vida. Mas nem por isso a consciência se torna num reflexo tipo “espelho” ou “epifenómeno” (simplese segregação cerebral, como a biliar é segregada pela vesícula). A consciência é mais complexa. Relaciona-se reciprocamente com aquelas condições de vida, mesmo que primeiramente condicionada (cfr. Marx e Engels, 1978a, pp. 26-27; Marx, 1961c, pp. 8-9; Engels, 1967a, p. 494; e, Lênine, 1982, pp. 31 e 103). Trata-se de uma “causalidade dialética”, não “determinista” ou “mecanicista” (cfr. Bensussan e Labica, 1999, pp. 306, 307). Atente-se ao seguinte: «[...] a consciência reflete a materialidade natural e social, mas também pode refletir formações ideais que todavia – no horizonte da cultura, da ideologia, da produção mental de uma sociedade ou da humanidade, em geral – possuem uma certa *objetividade*, aquilo a que poderíamos chamar a *autonomia relativa do ideológico*, aquilo que distorcidamente alguns autores tentam fazer passar por uma perenidade, por uma esfera independente de desenvolvimento ou por uma consistência intrínseca das

considere o seu papel na ação recíproca.<sup>26</sup>

A conceção de Marx e Engels procura, em rigor, colocar o ser humano nas suas circunstâncias, nos seus limites históricos, por este não escolhidas, em vez de explicar o comportamento individual (tendência própria, por exemplo, de uma conceção que se guie pelo “individualismo metodológico”). Tais circunstâncias são imediatamente encontradas, dadas e transmitidas.<sup>27</sup>

---

ideias. [...] No entanto, o próprio conteúdo da consciência – sem dispensar uma base material de determinação, que ela reflete – não é reprodução passiva e automática de uma realidade pura. O reflexo como unidade de objetivo e de subjetivo, de material e de ideal, desenvolve-se num horizonte de fundamental mediação social, no horizonte de um viver concreto, e não na esfera higiénica e desinfetada de um puro espírito acima de qualquer suspeita e determinação. Como Marx e Engels profundamente observam: a consciência não é mais do que o *ser* consciente.» (*sublinhados do autor*, Barata-Moura, 1982, p. 109).

26 Não obstante, no que concerne à arte, Marx chegou a considerar casos em que esta não se encontra em relação com a base material (*materiellen Grundlage*, *cfr.* 1961b, p. 640), entendendo-se aqui “base material” por base económica. O facto de Marx considerar que nem tudo se relaciona diretamente com a base económica (como o caso da arte), o que significaria que não faz parte da superestrutura (porque esta reflete aquela), não quer dizer que escape a uma dimensão material. A verdade é que a base económica, a reprodução da vida humana em última instância, se encontra numa dimensão mais ampla de relações materiais.

27 «[...] a história faz-se de tal modo que o resultado final provém sempre de conflitos de muitas vontades individuais, em que cada uma delas, por sua vez, é feita aquilo que é por um conjunto de condições de vida particulares; portanto, há inúmeras forças que se entrecruzam, um número infinito de forças, de que provém uma resultante evidente – o resultado histórico [geschichtliche Ergebnis] –, que pode ele próprio, por sua vez, ser encarado como o produto de um poder que, como todo, atua *sem consciência* e sem vontade. Porque aquilo que cada indivíduo quer é impedido por aquele outro e aquilo que daí sai é algo que ninguém quis. Assim, a história até aqui decorreu à maneira de um processo natural e está também essencialmente sujeita às mesmas leis de movimento. Mas o facto de que as vontades individuais – em que cada um quer aquilo a que o impele a sua constituição física [*Körperkonstitution*] e circunstâncias exteriores, em última instância económicas (quer as suas próprias circunstâncias pessoais quer as gerais-sociais) – não alcançam aquilo que querem, mas se fundem numa média total, numa resultante comum, daí não deve, contudo, concluir-se que elas são de pôr como = 0. Pelo contrário, cada uma contribui para o resultado e está, nessa medida, compreendida nele.» - «Zweitens aber macht sich die Geschichte so, daß das Endresultat stets aus den Konflikten vieler Einzelwillen hervorgeht, wovon jeder wieder durch eine Menge besonderer Lebensbedingungen zu dem gemacht wird, was er ist; es sind also unzählige einander durchkreuzende Kräfte, eine unendliche Gruppe von Kräfteparallelogrammen, daraus eine Resultante – das geschichtliche Ergebnis - hervorgeht, die selbst wieder als das Produkt einer, als Ganzes, *bewußtlos* und willenlos wirkenden Macht angesehen werden kann. Denn was jeder einzelne will, wird von jedem andern verhindert, und was herauskommt, ist etwas, das keiner gewollt hat. So verläuft die bisherige Geschichte nach Art eines Naturprozesses und ist auch wesentlich denselben Bewegungsgesetzen unterworfen. Aber daraus, daß die einzelnen Willen - von denen jeder das will, wozu ihn Körperkonstitution und äußere, in letzter Instanz ökonomische Umstände (entweder seine eignen persönlichen oder allgemein-gesellschaftliche) treiben - nicht das erreichen,



Apesar de tudo, como já exposto, tais circunstâncias são transformadas pelo ser humano: este vai inovando a sua maneira de se relacionar com a natureza e entre si, inovando os instrumentos de produção, *inter alia* (cfr. Marx, 1961a, p. 408; e, por exemplo, Axelos, 1961), e por meio de tal *práxis*, ele próprio se transforma (cfr. Marx, 1978a).

Trata-se de um processo histórico, não existindo qualquer coisa como uma “natureza humana” que não tivesse de ser considerada historicamente (em reciprocidade com diversos fatores), o que pode ser à luz das conquistas humanas em determinadas condições (cfr. Marx, 1964a, p. 459; 1960, p. 115; e, Engels, 1967b, p. 463), isto é, uma “natureza” não “substancialista” ou “essencialista”.<sup>28</sup> Porquanto, como visto, para ambos a primeira coisa a observar é a base *terrena* (irdische Basis) da história (a partir da qual se desenvolve a “conexão material” exposta), em oposição aos idealismos que a procuram explicar a partir de uma “história das ideias” ou de uma especulação que “unilateralize” algum momento ou fator social como mais ou menos determinante (cfr. Renault, 2001, p. 49; e, Srouf, 1978, pp. 131-133).<sup>29</sup>

Desta maneira, compreender e partir das condições materiais de vida e de existência dos indivíduos é, para Marx e Engels, partir de “premissas reais”, escusando quaisquer dogmas ou pontos de partida arbitrários. O mesmo é dizer: partir do processo real em condições determinadas, escusando igualmente a fixidez, o isolamento e o fantástico conceituais (cfr. Marx e Engels, 1978a, p. 27).<sup>30</sup>

Não obstante, é importante não se ficar apenas pela *última instância* – reprodução da vida –, uma vez que todos os momentos e

---

was sie wollen, sondern zu einem Gesamtdurchschnitt, einer gemeinsamen Resultante verschmelzen, daraus darf doch nicht geschlossen werden, daß sie = 0 zu setzen sind. Im Gegenteil, jeder trägt zur Resultante bei und ist insofern in ihr einbegriffen.» (*sublinhado do autor*, Engels, 1967b, p. 464).

28 Pode valer a pena confrontar os *Manuscritos de 1844* com vista a verificar que em Marx esta questão nem sempre foi assim tão clara.

29 Para uma mais ampla compreensão não se pode olvidar o combate que os dois autores travaram contra a chamada “ideologia alemã”, isto é, contra o idealismo filosófico dos seus compatriotas, mas também o combate ao idealismo, mais propriamente económico, dos outros (ingleses, mas também franceses), defensores da chamada “economia política”.

30 É, deste modo, que se pode compreender a “coincidência” do ser humano com as suas condições materiais, em vez de um reflexo unilateral, mecanizado (cfr. Marx e Engels, 1978a, p. 21).

fatores reais desempenham um papel na ação recíproca. Outrossim, não se deve ficar pela *última instância* porque todos os momentos e fatores devem ser julgados pela transitoriedade e historicidade real (cfr. Marx, 1977, *passim*; 1964a, p. 415), isto é, o processo real permite poucas situações (o que não é o mesmo que dizer nenhuma) para uma compreensão “definitiva” do que quer que seja.

## Em jeito de conclusão

Considerado o arranjo formal para o presente artigo, decidiu-se fazer face aos entendimentos opostos e acusação anunciados em “notas introdutórias” somente após estar exposto o essencial da perspetiva de Marx e Engels colocada em causa. Resta-nos, por isso, recuperar finalmente tais questões.

Tendo em conta o que foi visto, o principal problema de se *desconsiderar, do âmbito da base económica, a (re)produção da vida* consiste no seguinte: a base económica cedo ou tarde acabará por cair no âmbito das particularidades de cada modo de produção, dado que se perde o nexo do que é a produção humana – historicamente determinada –, para se privilegiar as diferentes relações económicas.<sup>31</sup>

---

31 Podendo cair no seguinte erro, para o qual Marx chamou a atenção: «Aproveito esta oportunidade para rejeitar, de forma breve, uma objeção que me foi feita por uma folha germano-americana quando da saída da minha obra *Zur Kritik der Pol. Oekonomie* [*Para a Crítica da Economia Política*], em 1859. Nela se dizia que a minha opinião de que um modo de produção determinado e as relações de produção que em cada caso lhe correspondem, em suma, de que “a estrutura económica da sociedade é a base real sobre a qual se ergue uma superestrutura jurídica e política, e à qual correspondem determinadas formas da consciência social”, de que “o modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral” –, tudo isso estaria sem dúvida certo para o mundo contemporâneo, onde dominam os interesses materiais, mas não para a Idade Média, onde dominava o catolicismo, nem para Atenas e Roma, onde dominava a política. Antes de mais, é estranho que alguém queira pressupor que estas maneiras de falar mundialmente famosas acerca da Idade Média e do mundo antigo teriam permanecido desconhecidas de quem quer que fosse. Será, pelo menos, claro que a Idade Média não podia viver do catolicismo nem o mundo antigo viver da política. Ao invés, é a maneira como uma e outro ganhavam a vida que explica por que razão a política, num caso, e o catolicismo, no outro, desempenhavam o papel principal [*Hauptrolle spielte*].» - «Ich ergreife diese Gelegenheit, um einen Einwand, der mir beim Erscheinen meiner Schrift „Zur Kritik der Pol. Oekonomie“, 1859, von einem deutsch-amerikanischen Blatte gemacht wurde, kurz abzuweisen. Es sagte, meine Ansicht, daß die bestimmte Produktionsweise und die ihr jedesmal entsprechenden Produktionsverhältnisse, kurz „die ökonomische Struktur der Gesellschaft die reale Basis sei, worauf sich ein juristischer und politischer überbau erhebe und welcher bestimmte gesellschaftliche Bewußtseinsformen entsprächen“, daß

Perde-se, por conseguinte, a *última instância* da relação material humana.

Por seu turno, o principal problema de se *separar as forças produtivas* (entenda-se os meios de produção e a força de trabalho, isto é, as condições para produzir e os trabalhadores) *da base económica* (por se considerar do âmbito económico apenas as relações de produção e as forças produtivas como a base material desta) corresponde a uma descaraterização da reprodução da vida humana e, como tal, da sua “conexão material”. Ou seja, corresponde a uma “desmaterialização” das relações sociais.

As condições em que o ser humano se apresenta como produtor, força de trabalho, e aquelas que encontra para o exercer, não são independentes do tipo de relações que se estabelecem com vista à produção. Bem como a base económica não se reduz a uma dimensão relacional, por um lado, ou a uma dimensão “economicista”, por outro.

Posto isto, Marx e Engels não exortam a um fatorialismo, visto que não (con)firmam uma redução da generalidade dos fatores reais da vida humana a uma relação económica – por exemplo, de tipo “absoluto”, “a-histórico”, “abstrato”, “simplista”, “única” ou ainda como economia significando apenas a “troca”, a “bolsa”, o “mercado”, o “dinheiro”, etc. –, pois a situação económica apresenta-se *somente* como *base* que se encontra em ação recíproca com os outros fatores (não obstante, a sua qualidade “última”, *cf.* Engels, 1968, p. 206).

O que parece estar sempre em causa é a restituição de uma *base* histórica (para o efeito, material).

Vejamos ainda: a vida em si não é o fundamental porque a *vida* é uma “indeterminação” abstrata que por si não comporta qualquer dimensão histórica, daí a referência à (re)produção da vida, uma

---

„die Produktionsweise des materiellen Lebens den sozialen, politischen und geistigen Lebensprozeß überhaupt bedinge“, – alles dies sei zwar richtig für die heutige Welt, wo die materiellen Interessen, aber weder für das Mittelalter, wo der Katholizismus, noch für Athen und Rom, wo die Politik herrschte. Zunächst ist es befremdlich, daß jemand voraussetzen beliebt, diese weltbekannten Redensarten über Mittelalter und antike Welt seien irgend jemand unbekannt geblieben. Soviel ist klar, daß das Mittelalter nicht vom Katholizismus und die antike Welt nicht von der Politik leben konnte. Die Art und Weise, wie sie ihr Leben gewannen, erklärt umgekehrt, warum dort die Politik, hier der Katholizismus die Hauptrolle spielte.» (1962, p. 96 n.).

vez que a *produção* (apesar de abstrata até certo ponto), convoca a dimensão histórica, isto é, apela a que se reflita na maneira como o ser humano produz as condições do seu viver e a partir de que condições (*cfr.*, por exemplo, Engels e Marx, 1962, pp. 46-47).<sup>32</sup>

Tudo isto não quer dizer que os dois autores não tenham escrito passagens mais polémicas, a partir das quais – umas vezes mais descontextualizadas, outras, porventura menos – se pudesse desconsiderar a reprodução do viver humano ou separar as forças produtivas da base económica, como quem separa a base económica da “conexão material”, ou ainda até atribuir algum fatorialismo (*cfr.*, por exemplo, Marx, 1961c, pp. 8-9; para uma das suas passagens mais polémicas).

Em desabafo epistolares, Engels afirmava que ele e Marx podem ter sido em parte culpados de que se pensasse o contrário, pois tiveram de enfatizar o “princípio fundamental” (*Hauptprinzip*) – o lado económico – em lugar de outros fatores da ação recíproca, dado que os seus adversários o negavam (*cfr.* 1967b, p. 465). Por isso, não se

---

32 Para esse efeito observe-se: a luta de classes é travada destacadamente em escopo político (superestrutura), de outra maneira não se poderia conceber a questão do poder do Estado tão decisiva para um entendimento materialista da história da sociedade humana (*cfr.*, por exemplo, Marx e Engels, 1978b; Marx, 1960; e, Lénine, 1977), apesar do fundamento económico. Acrescenta-se: «Se, no entanto, [Paul] Barth [1858-1922] supõe que negamos toda e qualquer reação do político, etc., reflexos do movimento económico sobre o movimento em si, ele está simplesmente a lutar contra moinhos de vento. Ele só precisa de olhar para o *Dezoito Brumário* [de Louis Bonaparte, *Der achtzehnte Brumaire des Louis Bonaparte*, 1960] de Marx, que lida quase que exclusivamente com o papel *particular* desempenhado pelas lutas políticas e outros eventos; é claro que dentro da dependência *geral* das pré-condições económicas. Ou *O Capital*, no capítulo sobre a jornada de trabalho, por exemplo, onde a legislação, que é certamente um ato político, tem efeito incisivo. Ou então a parte sobre a história da burguesia (capítulo xxiv). Ou por qual razão lutamos pela ditadura política do proletariado [*politische Diktatur des Proletariats*] se o poder político é economicamente impotente! A força [*Gewalt*] (isto é, poder estatal) é também poder económico!» - «Wenn also Barth meint, wir leugneten alle und jede Rückwirkung der politischen usw. Reflexe der ökonomischen Bewegung auf diese Bewegung selbst, so kämpft er einfach gegen Windmühlen. Er soll sich doch nur den „18.Brumaire“ von Marx ansehen, wo es sich doch fast nur um die besondere Rolle handelt, die die politischen Kämpfe und Ereignisse spielen, natürlich innerhalb ihrer allgemeinen Abhängigkeit von ökonomischen Bedingungen. Oder das „Kapital“, den Abschnitt z.B. über den Arbeitstag, wo die Gesetzgebung, die doch ein politischer Akt ist, so einschneidend wirkt. Oder den Abschnitt über die Geschichte der Bourgeoisie (24. Kapitel). Oder warum kämpfen wir denn um die politische Diktatur des Proletariats, wenn die politische Macht ökonomisch ohnmächtig ist? Die Gewalt (d.h. die Staatsmacht) ist auch eine ökonomische Potenz!» (*sublinhado do autor*, Engels, 1967a, p. 493; *cfr.*, ainda, Engels, 1967c).

pode perder de vista o esforço dialético de compreensão da realidade por parte de ambos, o que exige um esforço de leitura além de um ou outro texto.<sup>33</sup>

Enfim, o que aqui se pode reter como fundamental é que o sentido de economia não é “simples”, isto é, não é o que a economia significa em *primeira instância*, é, portanto, um sentido mais rico e historicamente determinado.

Deve-se, pois, atender ao facto fundamental e que é a primeira coisa a observar em qualquer concepção da história – *a produção dos meios para a satisfação das necessidades como primeiro ato histórico, a produção da própria vida material que ainda hoje, tal como há milhares de anos, tem de ser realizada dia a dia, hora a hora, para ao menos manter os seres humanos vivos* –, ao qual, segundo os autores, se deve atribuir a importância devida, sob pena de se partir da superfície e não compreender nada das suas conexões.<sup>34</sup>

Assim, julgamos poder encontrar na concepção de Marx e Engels o espaço necessário para a restituição de uma *base* histórica, em oposição à generalidade das concepções que descuram a sua relevância, idealizam acerca do seu processo e (con)firmam teses abstratas e arbitrárias para a compreensão do desenvolvimento social.■

---

33 Não obstante, o papel desempenhado pela base económica – (re)produção material do viver humano – mantém-se como uma das questões mais controversas da concepção de Marx e Engels, apresentando diversas interpretações (*cf.*, além dos entendimentos recuperados, Harnecker, 2007; Bensussan e Labica, 1999; Bottomore, 2001; Gellner, 1990; Barata-Moura, 1994, p. 101; Renault, 2001, p. 50; e, Anderson, 2010).

34 Expressões como as *supra* citadas não terão sido escritas por ambos em vão, a lembrar: “produção da própria vida material”, “produção da vida”, “modo de produção da vida material” e “produção e reprodução da vida imediata” (não significando aqui “imediato” qualquer “aparência” e falta de “mediação” dialética).

## Referências<sup>35</sup>

- Anderson, K. B. (2010). *Marx at the Margins: On Nationalism, Ethnicity, and Non-Western Societies*. Chicago-London: The University of Chicago Press.
- Axelos, K. ([1961]). *Marx, penseur de la technique: De l'aliénation de l'homme à la conquête du monde*. Paris: Editions de Minuit.
- Balibar, É. ([1973 [1965]). Sur les concepts fondamentaux du materialisme historique. En L. Althusser, *Lire le Capital*, Tome II. (pp. 79-226). Paris: Librairie François Maspero.
- Barata-Moura, J. (1982). *Para uma Crítica da «Filosofia dos Valores»*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Barata-Moura, J. (1994). *Prática. Para uma aclaração do seu sentido como categoria filosófica*. Lisboa: Edições Colibri.
- Bensussan, G., y Labica G., dirs. (1999 [1982]). *Dictionnaire Critique du Marxisme*. Paris: Quadrige / PUF.
- Bottomore, T. (Ed.) (2001 [1983]). *A Dictionary of Marxist thought*. 2<sup>nd</sup> ed. Oxford: Blackwell Publishers, Ltd., (reprinted).
- Cohen, G. A. (2000 [1978]). *Karl Marx's Theory of History. A Defence*. Expanded Edition. Princeton, New Jersey: Princeton University Press.
- Desai, M. (1990). Simple and extended reproduction. En J. Eatwell, M. Milgate and P. Newman (Eds.), *Marxian Economics* (pp. 338-341). London and Basingstoke: The Macmillan Press Limited.
- Engels, F. (1961 [1859]). Karl Marx, „Zur Kritik der Politischen Ökonomie“. En *Marx-Engels Werke*, vol. 13 (pp. 468-477). Berlin: Dietz Verlag.
- Engels, F. (1962a [1884]). *Der Ursprung der Familie, des Privateigentums und des Staats*. En *Marx-Engels Werke*, vol. 21 (pp. 25-173). Berlin: Dietz Verlag.
- Engels, F. (1962b [1845]). *Die Lage der arbeitenden Klasse in England. Nach eigener Anschauung und authentischen Quellen*. En *Marx-Engels Werke*, vol. 2 (pp. 225-506). Berlin: Dietz Verlag.
- Engels, F. (1967a [1890]). Brief an Conrad Schmidt in Berlin, London, 27. Okt. 1890. En *Marx-Engels Werke*, vol. 37 (pp. 488-495). Berlin: Dietz Verlag.
- Engels, F. (1967b [1890]). Brief an Joseph Bloch in Königsberg, London, 21. Sept. 1890. En *Marx-Engels Werke*, vol. 37 (pp. 462-465). Berlin: Dietz Verlag.
- Engels, F. (1967c [1893]). Brief an Franz Mehring in Berlin, London, 14. Juli. 1893. En *Marx-Engels Werke*, vol. 37 (pp. 96-100). Berlin: Dietz Verlag.
- Engels, F. (1968 [1894]). Brief an W. Borgius in Breslau, London, 5. Januar. En *Marx-Engels Werke*, vol. 39 (pp. 205-207). Berlin: Dietz Verlag.

---

35 A data com a qual se identificam as referências ao Livro II e III de *Das Kapital* é a da sua publicação póstuma, após organização de Engels, ao contrário dos restantes escritos inéditos que aparecem com a data da sua escrita.

- Engels, F., y Marx, K. (1962 [1845]). *Die heilige Familie oder Kritik der kritischen Kritik. Gegen Bruno Bauer und Konsorten*. En *Marx-Engels Werke*, vol. 2 (pp. 3-223). Berlin: Dietz Verlag.
- Fine, B, y Harris, L. (1979). *Rereading Capital*. London and Basingstoke: The Macmillan Press Ltd.
- Gellner, E. (1990). Economic interpretation of history. En J. Eatwell, M. Milgate and P. Newman (Eds.), *Marxian Economics* (pp. 148-158). London and Basingstoke: The Macmillan Press Limited.
- Harnecker, M. (2007 [1969]). *Los conceptos elementales del materialismo histórico*. 66.<sup>a</sup> ed. México: Siglo XXI.
- Hobsbawn, E. (1965 [1964]). Introduction. En K. Marx. *Pre-Capitalist Economic Formations* (pp. 9-65). New York: International Publishers.
- Lénine, V. I. (1977 [1917]). *O Estado e a Revolução*. Tradução de Edições «Avante!». Lisboa-Moscovo: Edições «Avante!»-Edições Progresso.
- Lénine, V. I. (1982 [1909]). *Materialismo e Empiriocriticismo. Notas Críticas sobre uma Filosofia Reaccionária*. Tradução de Edições «Avante!». Lisboa-Moscovo: Edições «Avante!»-Edições Progresso.
- Marx, K. (1960 [1852]). *Der achtzehnte Brumaire des Louis Bonaparte*. En *Marx-Engels Werke*, vol. 8 (pp. 111-207). Berlin: Dietz Verlag.
- Marx, K. (1961a [1849]). *Lohnarbeit und Kapital*. En *Marx-Engels Werke*, vol. 6 (pp. 397-423). Berlin: Dietz Verlag.
- Marx, K. (1961b [1857]). *Einleitung [zur Kritik der politischen Ökonomie]*. En *Marx-Engels Werke*, vol. 13 (pp. 615-642). Berlin: Dietz Verlag.
- Marx, K. (1961c [1859]). *Zur Kritik der Politischen Ökonomie*. En *Marx-Engels Werke*, vol. 13 (pp. 3-160). Berlin: Dietz Verlag.
- Marx, K. (1962 [1867]). *Das Kapital: Kritik der politischen Ökonomie*. En *Marx-Engels Werke*, vol. 23, band I. Berlin: Dietz Verlag.
- Marx, K. (1963 [1885]). *Das Kapital: Kritik der politischen Ökonomie*. En *Marx-Engels Werke*, vol. 24, band II. Berlin: Dietz Verlag.
- Marx, K. (1964a [1847]). *Misère de la philosophie: réponse à la Philosophie de la misère de M. Proudhon* (Proudhon, P.-J., 1846. *Système des contradictions économiques ou Philosophie de la Misère - Extraits*). Paris: Union Générale d'Éditions.
- Marx, K. (1964b [1894]). *Das Kapital: Kritik der politischen Ökonomie*. En *Marx-Engels Werke*, vol. 25, band III. Berlin: Dietz Verlag.
- Marx, K. (1965 [1862-1863]). *Theorien über den Mehrwert (Vierter Band des „Kapitals“)*. En *Marx-Engels Werke*, vol. 26-1. Berlin: Dietz Verlag.
- Marx, K. (1977 [1846]). Lettre a Annenkov le 28 décembre 1846. En G. Badia and J. Mortier (Eds.), *Marx-Engels, Correspondance. Novembre 1835-Décembre 1848*, tome 1 (pp. 446-459). Paris: Editions Sociales.

- Marx, K. (1978 [1845]). *Thesen über Feuerbach*. En *Marx-Engels Werke*, vol. 3 (pp. 5-7). Berlin: Dietz Verlag.
- Marx, K. (1983 [1857-1858]). *Grundrisse der Kritik der politischen Ökonomie*. En *Marx-Engels Werke*, vol. 42. Berlin: Dietz Verlag.
- Marx, K. (1987 [1875]). *Kritik des Gothaer Programms*. En *Marx-Engels Werke*, vol. 19 (pp. 11-32). Berlin: Dietz Verlag.
- Marx, K., y Engels, F. (1978a [1845-1846]). *Die deutsche Ideologie. Kritik der neuesten deutschen Philosophie in ihren Repräsentanten Feuerbach, B. Bauer und Stirner, und des deutschen Sozialismus in seinen verschiedenen Propheten*. En *Marx-Engels Werke*, vol. 3 (pp. 9-530). Berlin: Dietz Verlag.
- Marx, K., y Engels, F. (1978b [1848]). *Manifest der Kommunistischen Partei*. En *Marx-Engels Werke*, vol. 4 (pp. 459-493). Berlin: Dietz Verlag.
- Moro, D. (2016 [2006]). *A Crise do Capitalismo e Marx. Resumo de O Capital com referência ao século XXI*. Tradução de José Oliveira. Lisboa: Página a Página (*Nuovo compendio del Capitale. Sintesi del I libro del Capitale di K. Marx con riferimenti e confronti con la realtà contemporanea*. Alessandria: Edizioni Dell'Orso – Universitas).
- Netto, J. P. (1985 [1980]). Introdução. En K. Marx, *A Miséria da Filosofia. Resposta à Filosofia da Miséria, do Sr. Proudhon* (pp. 9-32). São Paulo: Global Editora.
- Renault, E. (2001). *Le Vocabulaire de Marx*. Paris: Ellipses Édition Marketing S. A.
- Srouf, R. H. (1978). *Modos de Produção: elementos da problemática*. Rio de Janeiro: Edições Graal.